

Para governistas, fim da aliança é uma má notícia

Pefelistas e tucanos temem que rompimento de opositoristas torne o 2.º turno inevitável

CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA – O fim da aliança entre o PT e o PDT na disputa presidencial está preocupando os aliados do presidente Fernando Henrique Cardoso na briga pela reeleição. “Não gostei dessa notícia”, reagiu o presidente do PFL, Jorge Bornhausen (SC). “Não quero nenhuma alteração no quadro.”

O candidato Fernando Henrique que exibe hoje uma vantagem em relação à soma dos pontos de seus concorrentes e uma alteração no cenário pode empurrar a disputa para o segundo turno. “Não há o que comemorar”, emendou o secretário-geral do PSDB, deputado Arthur Virgílio Neto (AM). Dirigentes do PFL e do PSDB avaliam que os estragos provocados pelo PT do Rio – derrubando a aliança nacional com o PDT de Leonel Brizola, ao lançar candidato próprio ao governo estadual – vão além da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ao Planalto. O que eles temem, de imediato, é a repercussão do lançamento de mais um candidato na eleição presidencial: Brizola, que vinha se apresentando como vice na chapa encabeçada por Lula.

Pesquisas encomendadas pelo PFL mostram que basta Brizola alcançar três ou quatro pontos na preferência do eleitorado, e o candidato petista manter-se no nível em que está, e o segundo turno será certo. Mas a médio prazo, na hipótese de vitória dos tucanos, a preocupação é de que o efeito PT prejudique

a governabilidade da futura administração Fernando Henrique.

Pefelistas e tucanos acreditam que um PT contra Lula é sinônimo de radicalismo. “Estão querendo o quê? Trocar o Lula pelo Stédile?”, perguntou Arthur Virgílio, referindo-se ao coordenador nacional do Movimento dos Sem-Terra (MST). Ele alerta para o perigo que representa uma força política sem perspectiva de poder e vê um prejuízo à democracia na derrota do grupo de Lula para os radicais do PT.

Segundo o dirigente tucano, se os petistas tratam assim sua maior liderança, certamente reservam surpresas mais amargas ao governo. “Tenho certeza da vitória na eleição, mas como homem de governo, vejo com muita apreensão a perspectiva de uma oposição pequena, de guetos, indisposta ao diálogo”, ponderou.

“Uma oposição disposta ao confronto pelo confronto é uma ameaça à governabilidade.”

O ex-prefeito de Porto Alegre Tarso Genro defende a manutenção da candidatura de Lula, embora considere que a situação da esquerda no País esteja “zerrada”. Apontado como o nome ao qual o partido poderia recorrer numa eventual desistência de Lula, Tarso afirmou ontem que não se considera a pessoa indicada. “Não enfrentaria esse desafio”, disse.

Para Tarso, a decisão do PT do Rio exige uma rearticulação do centro político do partido. “Se esse sistema de aliança não foi conseguido, vamos ter de trabalhar com aliança mínima”, avalia. “O que não podemos é entrar desarmados nesse processo.” Na opinião do ex-prefeito, o episódio não abalou Lula. “A decisão equivocada do Rio não deve ser vista com uma afronta à direção nacional do partido.”



VIRGÍLIO:
'NÃO HÁ
O QUE
COMEMORAR'